



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13499 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

### O CAMINHO CRIADOR E O PENSAMENTO RIGOROSO

Lucia Schneider Hardt - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

### O CAMINHO CRIADOR E O PENSAMENTO RIGOROSO

**Resumo:** Enfrentar a condição de sitiado, própria de quem insiste em validar sua própria perspectiva desejando extinguir outras inviabiliza o experimento ético. Os exercícios metodológicos de Nietzsche e Clarice Lispector por meio da escrita narram como seres humanos sem um pensamento rigoroso impedem o caminho criador e a capacidade de operar com a diferença. Os autores são fiéis à terra em suas obras, expressam com sua filosofia e literatura uma beleza própria dos alvoreços da vida, tratam da dor e do sofrimento, sabem que a alegria sempre vem de alguma forma e que o mundo é nossa única morada. A agudeza e crueza dos temas humanos, demasiado humanos, solicita a análise de nossa condição de sitiados e exige uma atitude que implica necessariamente evitar a precipitação, e, mais que excluir ou inserir referências teóricas, o pensamento rigoroso pede polifonia, ouvidos finos para identificar todas as nuances que o mundo contém para escutar o que ele pode nos ensinar.

**Palavras-chave:** Nietzsche, Lispector, caminho criador, pensamento rigoroso.

### INTRODUÇÃO

A vida não é mesmo previsível e, em geral, está sitiada, tal como no romance de Lispector que aqui será analisado. A obra revela uma poética do espaço entre aquele lugar que habitamos e aquele que sempre nos captura e de alguma forma parece também não ser suficiente. Estamos de certa forma sitiados, cada um tem seu lugar de abrigo, acolhimento, mas todos sabemos que desconhecemos outros espaços, outros sopros de vida que vibram e perguntam.

A personagem Lucrecia, criada na obra *a Cidade sitiada*, de Lispector, em alguma medida revela a condição do sitiado. Estar sitiado é sentir-se angustiado, cercado, preso e querer escapar dessa condição. Mas também significa estar abrigado, protegido estabelecido em um ponto. A personagem de Lispector sente-se presa ao subúrbio e procura um marido para escapar, alguém que lhe tire do tédio e da solidão. Quer alcançar um outro lugar, sair dos limites de uma cidade, quer habitar a cidade grande, acessar outros recursos materiais, viver outra vida. Ao sair e concretizar seu desejo, também percebe a falta, tem um tanto de nostalgia daquilo que abandonou e começa a revisitar suas próprias expectativas. A obra narra muitos detalhes, a morte do marido, a tentativa de a protagonista achar outro evento que a salve.

Por fim, com Lucrecia podemos aprender que se deslocar é condição necessária também para contemplar o mundo de outra forma e dar orientação às nossas próprias ações. No caso de Lispector, a escrita da obra funcionou como uma terapia para superação de um período solitário de sua vida, e por sentir-se sitiada na cidade de Berna/Suíça onde morou por alguns anos. A pergunta que a obra pode produzir em cada um de nós é: Vivemos sitiados na filosofia da educação? Como descrever e pensar sobre esse cenário?

Lucrecia acaba realizando sucessivas migrações para encontrar o que deseja, mas a vida e sua imprevisibilidade a coloca sempre em um novo movimento, desejando ver o mundo para dar outros sentidos à sua existência. Mas se trata de um ver com gosto para nomear as coisas e deixar-se tocar pelo novo que aparece. O novo que pode ser assustador, como conhecer a metrópole tão desejada e conhecer ao mesmo tempo o anonimato e a solidão. Aos poucos também descobre que tanto no campo, no subúrbio ou na metrópole as emoções podem ser positivas e negativas. Na obra existe uma relação entre os olhares da personagem considerando os espaços que habita e sua própria subjetividade, pois quando vê e interpreta seu espaço ela aprende a dar existência e significado ao mundo. Ela altera sua perspectiva de vida e ao mesmo tempo é modificada pelos lugares que encontra em sua travessia existencial.

Da condição de sitiada na literatura vamos refletir a condição de sitiados no contexto da filosofia acompanhados pela análise de Nietzsche. Segundo o filósofo, estamos sitiados por uma espécie de razão única que nos afasta de um horizonte crítico para alargar e inaugurar outros modos de viver e pensar.

Estamos vivendo um tempo de novos sopros de vida, de novas referências teóricas,

esquecidas, marginalizadas e muitos ainda precisam ter visibilidade para criar conexões com as que já existem para produzir um pensamento criador e rigoroso.

O logos do Ocidente, segundo Nietzsche, caiu na teia de uma razão esquematizante/dominante que se ancora na unidade, na duração. A razão na filosofia foi manejada por milênios por meio de “conceitos-múmiás”, os “filósofos matam, eles empalham quando adoram, são idólatras de conceitos”. Com essa lógica, “o que é não se torna, o que se torna não é” (NIETZSCHE, 2006, p. 25), pois quer a duração e a conservação.

A crítica da razão em alguma medida nos alerta sobre como estamos sitiados por essa lógica, recusamos os sentidos, o corpo, e adoramos determinada razão e seu suposto esclarecimento. Com essas lentes apreciamos e avaliamos o mundo, os outros, o longe e o próximo. Contudo, o erro está em “ser” assim, em fazer durar determinada análise da realidade. E nesse caso estamos em desvantagem com a personagem Lucrécia de Clarice, pois nem sempre desejamos sair desse espaço que nos abriga, protegemos os conceitos-múmiás e perdemos assim a condição do experimento, qual seja, deslocar-se para aprender a ver o mundo com outras perspectivas, conhecer outros sopros de vida. Pelo menos isso Lucrécia desejava, o deslocamento. Vale destacar que também Zaratustra, personagem de Nietzsche, não aceita ficar na condição de sitiado pelo rebanho. Ao descrever o caminho do criador nos convida: “Queres, meu irmão, ir-te para a solidão? Queres buscar o caminho que leva a ti mesmo? Espera ainda um pouco, e escuta-me.” (NIETZSCHE, 2007, p. 91).

O convite deste personagem é sedutor, mas ele pede, antes de tudo, atenção, pois ao desejar criar vamos enfrentar perigos e faltas. Zaratustra avisa: pertenceste muito tempo ao rebanho, vai sentir falta dele, vais sofrer, o caminho para a singularidade é doloroso. Sentir-se livre não é apenas livrar-se de algo, mas estar livre para alguma coisa. Por fim, Nietzsche recomenda: “Afasta-te dos bons e justos! Eles gostam de crucificar os que inventam a sua própria virtude: odeiam o solitário.” (NIETZSCHE, 2007, p. 93).

Ao desejar o caminho criador é preciso salvar-se de outros rebanhos que prontamente se constituem para nos abrigar. Para alguns, diz Zaratustra, “não debes estender a mão, mas somente a pata e que ela tenha garras” (2007, p. 93). Nesse caminho não existe uma justiça prévia, ela irá nascer de conexões, de polifonias, de ouvidos finos capazes de perceber nuances.

## **DA CONDIÇÃO PRELIMINAR PARA ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA**

Defendo que tanto Nietzsche como Clarice nos ensinam a operar com a diferença, não para se deslocar simplesmente para outro lugar, outra referência, mas para produzir com rigor o que pode apresentar-se como novo em uma modalidade mais alargada e arejada do pensamento.

Marques (2003) nos indaga sobre o lugar da veracidade na epistemologia de Nietzsche e nos oferece ferramentas para superar a nossa condição de sitiado. O próprio filósofo em muitas oportunidades mostra como tem aversão à exclusão violenta da diversidade em favor da identidade e da abstração. Ao longo de suas obras parece compreender que o Ocidente desenvolveu:

Um *logos* sob diversas máscaras, em todo o caso mediante *duas formas* essenciais – uma parmenidiana e uma heraclitiana. Neste sentido poder-se-á falar, por um lado, de uma força da esquematização/sistematização e, por outro lado, de uma força da veracidade (*Wahrhaftigkeit*). Habitualmente se identifica a razão, depois de Nietzsche, com a primeira destas forças – na verdade, com boas razões –, já que ele próprio pratica frequentemente esta identificação e interessa-se especialmente pela crítica deste conceito da razão. Mas ao *logos* do Ocidente pertence também aquela outra força da veracidade, isto é, uma metamorfose própria da razão crítica, cujo movimento, tal como pretendemos mostrar, conduz ao perspectivismo. (MARQUES, 2003, p. 183-184).

Assim, Nietzsche nos convoca a aceitar os diferentes sopros de vida e quer nos habilitar a também praticar uma nova reflexão com outras práticas do pensamento. Para Marques, as figuras da razão dominadora tendem a esgotar-se em seus atos esquematizantes, fazendo florescer uma força da veracidade. Tal força nos faz pensar sobre nossa condição sitiada, e o próprio operar da razão produzindo deslocamentos e novas perspectivas. Parece que isso estamos vivendo no momento: e esse operar contra a razão dominadora nos coloca diante de uma nova complexidade.

Operar com a razão de forma crítica implica debruçar-se sobre os próprios esquemas dominadores pode julgar, avaliar “as figuras dogmáticas que criou” (MARQUES, 2003, p. 188). A força da veracidade que antagoniza com a força esquematizante faz florescer outras perspectivas, outros sopros de vida. E vai além ainda:

Ela mostra-nos que categorias como *unidade, fim ou sujeito* são perspectivas, e não mais do que isso, precisamente do ponto de vista da veracidade dissolvente, ou, para ser mais preciso, perspectivas cristalizadas. Unilateralidade, fixidez e afirmação da validade universal *são características das categorias* de uma razão que agora é possível olhar de outro modo. (MARQUES, 2003, p. 189).

Por muito tempo ficamos fascinados em conseguir preservar a permanência, fomos valorizados por aquilo que se definiu como verdade e, da mesma forma, ficamos seduzidos em imaginar ser possível dizer quem somos, na mesma proporção em que avaliamos e julgamos o outro. Estar sitiado por vezes é perturbador, mas também pode ter um sentido confortador, de proteção, de segurança. Nietzsche nos indaga na *Gaia ciência* – até onde vai o

caráter perspectivista da existência e quanto de curiosidade temos para conhecer outros tipos de pensamento e de perspectiva? Por fim, parece que algo já aprendemos, afirma Nietzsche:

Penso que, hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele, encerre infinitas interpretações. Mais uma vez nos acomete o grande tremor - mas quem teria vontade de imediatamente divinizar de novo, à maneira antiga, esse monstruoso mundo desconhecido? E passar a adorar o desconhecido como “o ser desconhecido”? Ah, estão incluídas demasiadas possibilidades não divinas de interpretação nesse desconhecido, demasiada diabrura, estupidez, tolice de interpretação – a nossa própria, humana, demasiado humana, que bem conhecemos... (NIETZSCHE, 2001, aforismo 374, p. 278).

Ora, o que Nietzsche quer nos fazer pensar é sobre a própria possibilidade da verdade, pois o perspectivismo ensina que o mundo admite uma pluralidade de interpretações, o que significa colocar em questão o valor do conhecimento. A pergunta que caberia seria: Qual a validade da atividade e da reflexão perspectivista para deixar de ser uma lógica esquematizante e dogmática?

Segundo Marques (2003), a pulsão da veracidade não tem um significado apenas destrutivo, não quer ver desaparecer categorias, conceitos, mas deseja sim avaliar perspectivas regulativas, hermenêuticas e metodológicas clássicas para, no confronto com outras perspectivas, alargar horizontes. Nesse entorno indagamos: Em que medida por vezes estamos sitiados por regulações conceituais e metodológicas que descrevem o mundo, prescrevem ações sem reconhecer o próprio limite das ferramentas e estratégias de quem julga e avalia? Como adentrar esse tempo e transvalorar nosso pensamento racional para fazê-lo rigoroso em direção ao que ainda desconhecemos?

A personagem Lucrécia de Lispector, ao sentir-se presa, sitiada, desejou escapar, fugir para livrar-se do que parecia menor que seu desejo. Mas, ao livrar-se, sente falta das cercas de proteção e segurança. A metáfora da condição de sitiado nesse texto é complexa, uma vez que pode significar querer escapar e, ao mesmo tempo, desejar recuperar o que protege e cuida. Tal como Zaratustra avisou, ao desejar fazer a experiência da liberdade chegará a hora da falta do rebanho.

Em alguma medida estamos nós ainda sitiados e, ao mesmo tempo, impactados pela rápida transformação de outros modos de pensar o mundo? Afinal, como produzir esse caminho criador e rigoroso para alterar perspectivas sobre como habitar esse mundo e compreender suas diferenças e multiplicidades?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A personagem Lucrécia Neves, mesmo que não se dê conta disso, sempre que tenta se adequar a novos contextos de vida, ou “aderir à realidade”, acaba vivendo um engano após o outro: anseia mudar-se para a cidade grande e, quando o faz, sente-se agredida pelo ritmo de vida frenético da metrópole. Ela gostava muito de ver e ser vista, por isso muitas vezes o desejo do deslocamento. A relação de Lucrécia com o mundo é construída por meio da visão. As coisas são, para ela, as estruturas corpóreas tais como elas se manifestam. Lucrécia, antes de nomear, apenas vê as coisas. E o ver por vezes a aprisiona.

Nietzsche, por sua vez, destaca também as armadilhas da razão. A visão designa as ações de Lucrécia, para Nietzsche a razão empodera os humanos que, por vezes, não percebem que apenas aderiram a um conceito múmia que já não mais tem conexão com o mundo. Os sopros de vida seguem, estão cada vez mais alvoroçando nossa vida e estão a nos convocar a outras miradas sem recusar toda nossa história, tradição, mas nos convidando, tal como Zaratustra, a estar livre para alguma coisa. Talvez aprender a operar com a diferença. A força da veracidade, ingrediente que se origina na razão pode também nos deslocar de nossa condição sitiada para criar em nós outras formas de pensar a vida. O amor à filosofia, à literatura em tempos de alvoroços conceituais pode produzir em nós o que está previsto neste encontro de educação e que já é, em grande medida, um operar com a diferença e que se reflete na expressão o “ama(r)zonizar”, remetendo-nos ao reconhecimento de nosso país em sua amplitude e diversidade.

## REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MARQUES, Antonio. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: editora Unijuí, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

